

“Espaços, Objetos e Práticas”

Memórias e
História da
Educação Profissional





CENTRO PAULA SOUZA DO GOVERNO



Espaços, Objetos e Práticas

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Maria Lucia Mendes de Carvalho (org.)

São Paulo



2018

A arquivística e o Centro de Memória da ETEC Pedro Ferreira Alves de Mogi Mirim <i>Fábia Dovigo Pais</i> <i>Vagner Braz</i>	143
O Centro de Memória FIEP-PR: os arquivos e os garimpos das fontes nas pesquisas históricas sobre o ensino profissional paranaense <i>Desiré Luciane Dominschek</i>	155
A coletânea de reportagens sobre a ETEC Sylvio de Mattos Carvalho publicadas do Jornal A Comarca (1986-2015): uma contribuição historiográfica <i>Carlos Alberto Diniz</i> <i>Cristina Munaretti de Oliveira</i>	169
Artes e psicanálise no campus das Esculturas na FATEC-Ourinhos <i>Eunice Corrêa Sanches Belloti</i>	185
Estudo dos objetos científicos e tecnológicos do curso Técnico em Agropecuária do Centro de Memória da ETEC Professor Matheus Leite Abreu (1970 a 2015) <i>Sueli Mara Oliani Oliveira Silva</i>	195
Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): do inventário de artefatos as possibilidades de musealização <i>Maria Lucia Mendes de Carvalho</i>	217
A trajetória do conceito ‘currículo por competências’ na história da educação profissional técnica de nível médio brasileira nos anos 2000: uma proposta terminológica <i>Fernanda Mello Demai</i>	249
ETEC Carlos de Campos: espacialidade e materialidade da primeira Escola Profissional Feminina <i>Ana Carolina Carmona Ribeiro</i> <i>Gabriela Russo de Carvalho</i>	271
A história da oficina mecânica da Escola Rosa Perrone Scavone (Itatiba/SP): preservando a memória industrial <i>Anderson Wilker Sanfins</i>	295
Memórias do curso de marcenaria da ETEC Dr. Júlio Cardoso <i>Joana Célia de Oliveira Borini</i>	311

ARTES E PSICANÁLISE NO CAMPUS DAS ESCULTURAS NA FATEC-OURINHOS

Eunice Corrêa Sanches Belloti
Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Introdução

A Fatec-Ourinhos, neste ano de 2016, comemora seus vinte e cinco anos de atividades. A criação da Fatec-Ourinhos, como Extensão de Campus da Fatec-São Paulo, deu-se com o curso de Processamento de Dados e foi um grande acontecimento em Ourinhos e região, desencadeando novos rumos e transformando para sempre a cidade e a região, trazendo um ensino superior gratuito de qualidade e colocando no mercado, profissionais disputados por seu excelente potencial (BELLLOTI, 2015).

Com o início do curso de Processamento de Dados, no segundo semestre de 1991 como Extensão de Campus da Fatec-São Paulo, duas das disciplinas do currículo do curso eram E.P.B. I e E.P.B. II (Estudos dos Problemas Brasileiros I e II), oferecidos no terceiro e no quarto semestres do curso respectivamente, a princípio foram ministradas pelo Coordenador da extensão de Campus, professor Paulo Henriques Chixaro, posteriormente no primeiro semestre de 1995 a autora deste artigo, professora Eunice Corrêa Sanches Belloti assumiu as disciplinas ministradas até o primeiro semestre de 1999, quando a disciplina de E.P.B. I passou a ser lecionada pelo professor Francisco Claudio Granja, até sua extinção no segundo semestre de 2001.

A entrada do Prof Granja para o rol de docentes da Fatec-Ourinhos, com seu olhar, sua visão de mundo e currículo voltado às artes, transformou alguns aspectos da instituição, que serão comentados posteriormente.

Abordar o tema desse artigo envolve uma viagem na história oral da Fatec-Ourinhos, que se transforma em história escrita, na história de vida de algumas pessoas e na apresentação de alguns conceitos como: artes, jardins, esculturas, jardins das esculturas e no olhar da Psicanálise.

O termo “Artes” vem do latim *Ars*, que significa habilidade, segundo Adami (2015), é definida como uma atividade que manifesta a estética visual, desenvolvida por artistas que

se baseiam em suas emoções, é um reflexo da cultura e da época vivida. As artes são desenvolvidas para mostrar o pensamento e os sentimentos do artista, por meio de estilo e estética.

Apresenta-se de diversas formas como, a plástica, a música, a escultura, a dança, etc. A escultura é a arte de moldar ou talhar determinados materiais como madeira, argila, metais e outros. O artista plástico, no caso o escultor, produz uma escultura usando ideias, sentimentos e criatividade, cria-se formas, volumes, definem-se espaços e o processo de produção escultural, que pode utilizar várias técnicas como, fundição, molduras ou trabalhos com ferramentas em matéria prima bruta.

Um jardim é uma extensão de terreno, localizado com um espaço público ou privado, em geral com muro ou grades à volta, onde se cultiva plantas e adornos. Burle Marx (1993) ao conceituar jardim das esculturas, coloca que é um espaço para estimular na comunidade a prática da convivência artística, onde todos possam observar e desfrutar a beleza das obras.

O presente artigo, foi dividido em quatro partes assim intituladas: *O Fazer Criador*, Francisco Claudio Granja; *Tecendo Enlaces*, Telma Menegazzo; *A Construção da Criação*, Antônio José Romano Curia e por fim *O Olhar*, que envolve conceitos da Psicanálise, teoria que norteia a campo profissional da autora do artigo.

O Fazer Criador

O idealizador do “Projeto Campus das Esculturas”, Francisco Claudio Granja, nasceu em Agudos (SP), no dia 07 de julho de 1947, iniciou seus estudos superiores na Escola de Belas Artes em São Paulo, terminando o curso na UNESP em Bauru (SP), que na época era a Fundação Educacional de Bauru.

Veio para Ourinhos a convite de um professor chamado Torres, para substituí-lo nas Faculdades Integradas de Ourinhos, instituição que o acolhe como docente até hoje. Está na cidade há quarenta anos. Na Fatec-Ourinhos leciona há mais de 20 anos, prestou concurso e lecionou disciplinas, como Humanidades, E.P.B.I (Estudos dos Problemas Brasileiros) e Ética.

Relacionando sua trajetória e conhecimento acadêmico, o professor Granja esclarece como surge a ideia do “Projeto Campus das Esculturas”, da Fatec Ourinhos.

Segundo ele, a ideia do “Projeto Campus das Esculturas” surgiu depois que retornou da Europa, na década de 1990, entusiasmado com as obras de artes que viu, especialmente em Paris e em Roma, pensando que deveria trazer para Ourinhos as belezas que deslumbrou no antigo continente, visto que sentiu a necessidade de revitalizar espaços desocupados da cidade com projetos artísticos.

Desejou em sua mente, criar algo que apresentasse os espectadores às artes, sua expressão de beleza frente ao olhar humano, buscando evidenciar as expectativas de novas e destemidas criações em um Jardim das Esculturas.

Na ocasião, o Prefeito Municipal era o Dr. Clóvis Chiaradia, foi em sua gestão que a Fatec-São Paulo criou a extensão de Campus em Ourinhos, de acordo com Belloti (2015). Sua esposa a Professora Adelheid M. Litzinger Chiaradia era a Secretária da Educação e Cultura, e o Prof Granja foi convidado para ser Diretor da Cultura da cidade.

Como os recursos financeiros para a pasta da Cultura na cidade eram estreitos e com a necessidade de se estruturar o departamento e desenvolver outras ideias inovadoras voltadas às artes, foram poucas as esculturas colocadas no município, frustrando assim, os desejos do idealizador do projeto.

Com o término de sua gestão como Diretor de Cultura, indignado que a ideia frustrante do fracasso do Jardim das Esculturas não poderia parar e indagando como deveria executar esse projeto e já fazendo partes do rol dos docentes da Fatec Ourinhos, procurou o professor Paulo Henrique Chixaro, diretor da instituição na época, solicitando sua autorização para criar o “Projeto Campus das Esculturas” no espaço externo da instituição, que se acha vazio, desprovido de qualquer planta ou adorno. Com o apoio do diretor, que considerou a ideia formidável e indicou a funcionária Telma Menegazzo para auxiliá-lo em seu empreendimento inovador, pensando nas artes e no vislumbamento que alunos, professores, funcionários e visitantes poderiam ter frente a um espaço voltado ao belo, iniciou seu fazer criador.

Com o contínuo apoio da direção da instituição iniciou-se seu novo projeto, “Campus das Esculturas”, sem nada escrito, mas com a eficiência da funcionária Telma Menegazzo, que soube administrar e tecer as propostas criativas e empreendedoras do artista/professor, transformando espaços vazios, brancos, em ambiente voltado à tecnologia em espaços de artes, que servem de suporte ao fazer criativo.

A primeira obra de arte que veio para o “Projeto Campus das Esculturas” foi de um artista ourinhense chamado Domingos Zupa, que traz uma grande referência à tecnologia, ela foi doada pela professora Adelheid Chiaradia. Existe outra obra do artista, doada por ele no local, que caracteriza o curso de Agronegócio e representa um homem trabalhando na agricultura. O artista tem um neto (Eric) que faz o curso de Jogos Digitais e participa do Projeto Memórias da Fatec-Ourinhos.

Das várias obras que compõem o Jardim das Esculturas, há artistas da cidade e de outros locais como Antonio Curia, Marcio Nacif, Tânia Piolo Freitas, Rosa Bruingé (que foi consulesa da Holanda e já é falecida), de Doraci Mantovani, de Domingos Zupa e do idealizador do “Projeto Campus das Esculturas”. Por ocasião da comemoração dos quinze anos da Fatec Ourinhos, as obras foram identificadas por placas.

Com a direção da professora Lia Cupertino Duarte Albino, ocorreu a continuidade do projeto, que foi incentivado por ela e para o futuro prevê-se mais obras para o embelezando da instituição.



Figura 1 - Prof. Francisco Claudio Granja



Figura 2 - A escultura "Uau", autoria de Granja

Tecendo Enlaces

Telma Menegazzo é funcionária da Fatec-Ourinhos há vinte e três anos, nos dois primeiros anos foi estagiária, na instituição, é formada em Ciências Contábeis, nasceu em Águas de Santa Barbara no dia 02 de agosto de 1974, atualmente exerce a função de Diretora de Serviço Administrativo, com a ascensão de sua trajetória profissional viu a própria evolução da Fatec Ourinhos.

Telma afirma que o crescimento da instituição passou por uma trajetória conturbada, com vários percalços, pois a estrada para a escola era sem calçamento, em época de chuva não se conseguia chegar à instituição, e em época de seca havia muita poeira. Os telefones funcionavam precariamente, não havia ventiladores, os computadores eram escassos e os trabalhos de secretaria eram executados nas máquinas de escrever, dependia-se dos malotes dos Correios constantemente para a comunicação com o Centro Paula Souza em São Paulo.

Ela se recorda quando o professor Granja começou a trabalhar na instituição, de sua preocupação com o paisagismo do local, pois não havia árvores, plantas ou flores. Ele solicitou apoio da Prefeitura Municipal, que fez as doações de várias mudas de plantas, cujo plantio foi minuciosamente planejado por ele, começando assim seu fazer criativo.

Também ele desejou colocar obras de artes, esculturas, entre as plantas, criando assim o "Projeto Campus das Esculturas". Todas as plantas e as esculturas foram doadas e necessitavam de infraestrutura para serem deslocadas e alojadas nos locais adequados,

que eram estudados meticulosamente pelo criador do referido projeto. Ela propiciava o apoio para a execução dos trabalhos, que dependiam de várias pessoas para ajuda braçal na instalação das obras, muitas das quais são extremamente pesadas.

Ela lembra-se que após a primeira escultura “Mundus Universalis”, de Domingos Zupa, veio em 2.000 a escultura “Quem somos nós” de Tânia Piolo Freitas; “O Beijo” de Rosa Bruingé, o “Formigão do Agronegócio” de Doraci Mantovani; a “Natureza, Transformação e Artes” de Curia e várias outras.

Para Telma, a importância do “Projeto Campus das Esculturas” é fenomenal, porque embeleza a instituição e permite valorizar a cultura, sendo um diferencial para as pessoas que visitam a Fatec-Ourinhos, que mostram em seus olhares a valorização das obras de artes que apresentam um belo visual. Ela esclarece que tanto o antigo diretor, professor Chixaro, e a atual, professora Lia, se empenharam e empenham para a continuidade e evolução do projeto. Para as comemorações dos vinte e cinco anos da Fatec Ourinhos já estão previstas a colocação de mais duas esculturas.

É ela que prepara as tramas, para que o criador e o inventor das criações sejam enlaçados e ligados em suas construções no Campus das Esculturas, produzindo novos olhares aos espectadores do local.



Figura 3 - Funcionária Telma Menegazzo

A Construção da Criação

Antonio José Romano Curia se denomina um brasileiro/ourinhense nascido na Itália, em Longobucco, em 23 de fevereiro de 1938, veio com sete meses para o Brasil, fugindo da guerra, como várias famílias de imigrantes da época, filho de mãe brasileira com pai italiano, foi criado em Itai (SP), fez curso de Direito em Bauru (SP).

Foi Delegado de Polícia Estadual por vinte e três anos, chegou a Ourinhos em 02 de janeiro de 1969, permanecendo até hoje, sendo cidadão honorário da cidade, fato esse que muito o honra.

A arte surgiu em sua vida desde criança, o que é natural para a vida de um italiano, contudo somente depois de recém-casado, com telas e bisnagas de tinta de sua esposa, começou a pintar.

Com sua chegada a Ourinhos foi incentivado a fazer suas pinturas pelo Prof Granja, bem como por sua esposa Terezinha Queiróz. Cresceu de um expressionismo misturado com o concretismo, ele afirma sempre ter pintado ideias, não coisas, sendo autodidata, nunca frequentou uma escola de pintura, pinta com espátulas e esponjas. Suas obras são extensas e estão expostas e vários locais de Ourinhos, de São Paulo (como no TUCA, na COSESP, na Academia de Polícia e na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo), em Santos, em vários locais do país e da Europa.

Para o Prof Granja, o artista plástico Curia apresenta um crescimento significativo em suas obras, ele pinta com entusiasmo, tem um estilo próprio, sendo um expressionista por excelência, pintando intuitivamente, sem fazer rascunhos ou desenhos prévios, pintando com seu interior, enquadrando-se dentro de algumas escolas de pinturas vigentes na história da arte do país.

Obras suas vieram para a Fatec-Ourinhos, pelo convite do Prof Granja, seus quadros estão em vários locais da instituição, enfeitando, embelezando e valorizando, colocando um colorido nas paredes até então totalmente brancas da instituição. Também no Campus das Esculturas, tem uma escultura sua "Natureza, Transformação e Artes", que pesa entre 400 e 500 quilos, é de grandes proporções, e produz impacto aos olhos de seus espectadores.

O artista constrói suas criações e utiliza o espaço no Campus das Esculturas para perpetuá-las aos olhos dos espectadores presentes na instituição, ávidos por artes.

No momento, estão sendo desenvolvidas ações para a execução de um projeto com os quadros do artista, na biblioteca da instituição, para a comemoração dos vinte e cinco anos da Fatec-Ourinhos, ele tem cedido várias de suas obras e deve custear as instalações das mesmas, como presente pelo jubileu de prata da instituição, o que muito o honra.



Figura 4 - O artista José Romano Curia



Figura 5 - A escultura "Natureza, transformação e artes", autoria de Curia

O Olhar

A relação existente entre a Psicanálise e a artes tem sido trabalhada intensamente na atualidade. Alguns autores colocam a pretensão da Psicanálise ao tentar interpretar a artes, outros acreditam que ela tem muito a acrescentar em relação aos mistérios do fazer criador (BIAZUS; CEZNE, 2010).

Freud (1908), fundador da Psicanálise, já questionava sobre o que estaria por trás da mente criadora, quais mecanismos seriam responsáveis para despertar na pessoa os sentimentos mais inesperados e profundos em uma mente criadora. Para ele, ocorria certa incapacidade de desvendar os mistérios que norteiam a origem do ato criador.

Antigamente os artistas eram revestidos de caráter mitológico, divinizantes, eram vistos como seres sobrenaturais, inspirados por Deus. E ainda hoje pessoas defendem a ideia de um dom divino no fazer criador dessas pessoas providas de um dom especial (VERAS, 2006).

O fazer criador exige que a pessoa saia do universo das certezas e das evidências para um pensar privilegiado a respeito do ato de criação, que provoca ou é provocada por um desfoque permanente de sentimentos contraditórios, ambivalentes à procura de algo estabilizado, segundo Derdyk (2001). Quando a estabilidade dos conflitos é alcançada, seria o próprio final da criação.

Contudo, todo ato de criação, refere-se ao lugar do outro, do social e qualquer mobilidade de artes produz um sentido particular naquele que a vê. Para Rivera (2005), o ato de criação, seja ele referente às artes plásticas, música, literatura ou qualquer outra forma de expressão artística, permite ao espectador ocupar um lugar de envolvimento, fascínio, admiração, honra, nomeação, identificação. O que faz a artes perdurar é o fato despretenso de não possuir um único sentido, permitindo que os espectadores preencham lacunas, criem em cima daquilo que já foi criado.

Rivera (2002), infere que a Psicanálise vem ao encontro da carência de explicação a que a artes está sujeita. Deparando com essa falta de explicação e preocupado em como preencher o fazer criativo, Freud (1908), investiga que os traços da atividade imaginativa do artista podem ter origem no brincar infantil; ao brincar a criança se comporta como um artista cria um mundo próprio, investe nesse mundo emoção e o distingue da realidade, onde passado, presente e futuro se encontram entrelaçados pelo fio do desejo que encontra realização e apresentação da obra criativa.

Para Cattapan (2006), na criação artística ocorre uma forma de construção e expressão de subjetividade, abrindo espaço para que a Psicanálise reflita sobre o seu próprio campo, a subjetividade na contemporaneidade, abrindo caminho para a construção de um novo olhar, o olhar do espectador.

Artes e Psicanálise se aproximam e ressoam nas desmontagens e desconstruções do eu, em que por meio de seus cortes, abrem fendas, brechas, fissuras, permitindo o encontro da pessoa com o real, com suas verdades, singularidades e percursos, situando o artista entre o visível e o invisível, entre aparição e desaparecimento, apontando para a zona do

incerto, do duvidoso, do improvável, do imprevisto, seja construindo, tecendo ou criando algo em torno de um vazio (KON, 1996).

Sousa (2002, p. 145) afirma: “A obra de arte gera um lugar de respiração, um espaço de presença, dando, muitas vezes, sentido e visibilidade à realidade”.

Fato esse que pode ocorrer no Campus das Esculturas, em que o artista tem a oportunidade de criar um sistema a partir de determinadas características, que atribui ao processo de apropriações, transformações e ajustes, que vão ganhando complexidade à medida que constrói sua obra, conforme salienta Salles (2008), e os espectadores lançam seus olhares na complexidade do processo criativo.



Figura 6 - A escultura “Mundus Universalis”,
autoria de Zupa



Figura 7 - A escultura “O Beijo”,
autoria de Rosa Bruingé

Considerações finais

O processo de criação pode ser descrito como um movimento falível com tendências, sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso ao introduzir ideias novas de acordo com Salles (2008).

Em sua busca, o artista, encontra suas concretizações nos complexos processos de construções de suas obras. Para a autora acima, o percurso criador é focado sob cinco pontos de vista, como: a ação transformadora, o movimento tradutório, o processo de conhecimento, a construção de verdades artísticas e o percurso de experimentação.

Esses cinco pontos se manifestam nos três artistas apresentados neste artigo, cada um com sua arte, seu percurso, seu viver pessoal e profissional e nas relações que os envolvem como pessoas agentes de transformações, que perpetuam um olhar diferente no espaço que habitam, permeando o ato criador e seus mistérios, rearticulando o novo, sempre inacabado, sempre desejante, sempre singular, como esclarece Kaminski (2010).

O Campus das Esculturas permite ressonâncias entre as artes e a Psicanálise e seus entrelaçamentos, no viver de seus artistas.

Os laços unem um casal, a família, o mundo do trabalho, embora em alguns momentos precários se desfazem facilmente, em outros momentos apertam, entrelaçam, construindo tramas fortes e resistentes, caso esse do projeto desenvolvido pelo Prof Granja.

Os laços não constituem apenas os desejos, constituem os acontecimentos que o produzem, e também onde eles se produzem, segundo Soler (2006), em que a libido incluindo o amor e o desejo assegura esses laços, como a própria criatividade do artista plástico Curia.

Conforme o Dicionário da Língua Portuguesa (2016), o enlaçamento é a ação de enlaçar, de ligar ou prender com laços, é uma combinação perfeita, um matrimônio, um casamento, sendo um resultado harmônico do que já foi unido, o que é tecido com maestria pela funcionária Telma.

O vínculo que resulta dessa ligação é o elo, uma combinação perfeita. O Fazer Criador de Francisco Claudio Granja, A Construção Criativa de Antonio José Romano Curia e demais artistas, O Tecer dos Enlaçamentos de Telma Menegazzo e O Olhar dos espectadores que o espaço da instituição, figuram esse vínculo, esse elo, que permite ser chamado de “Campus das Esculturas”.

Essa obra de arte está presente na Fatec-Ourinhos para que no tempo de suas memórias e de suas histórias, seus espectadores possam ter um olhar profundo, diferenciado e reflexivo da obra artística, embelezando toda a instituição.

Referências

ADAMI, Anna. Conceitos de artes. Maio, 04,2015. Disponível em: < www.infoescola.com/artes >. Acesso em: 06 jul. 2016.

BELLOTI, Eunice Corrêa Sanches. Aspectos de Subjetivação e Memória na Criação da Extensão de Campus da Fatec/SP – em Ourinhos. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (Org). **Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico de Educação Profissional**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2015, p. 267-276

BIAZUS, Camilla Baldicera; CEZNE, Graziela Oliveira Miolo. **Psicanálise & Barroco em revista** v.8, n.2: 49-73, dez.2010

CATTAPAN, P. Artes e análise: vias de abertura à alteridade nas sociedades contemporâneas. In: **Psychê Revista de Psicanálise**. Ano 10, n. 19, p. 65-80, set-dez, 2006.

DERDYK, E. Ponto de chegada, ponto de partida. In: SOUZA, Edson Luiz (org.) In: TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. **A invenção da vida: artes e Psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001. p. 14-21.

DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUESA COM ACORDO ORTOGRÁFICO. Porto: Porto Editora, 2016.

FREUD, S. **Escritores criativos e devaneios**, v.9, 1908. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAMINSKI, Ana Luisa. Ressonâncias entre a Psicanálise e Arte: intervalos, desmontagens e rearticulações. **Linguagem – Revista de Letra, Artes e Comunicações**. Blumenau, v.4, n.2, p.152-170, maio/ago. 2010.

KON, Noemi Moritz. **“Entre a Psicanálise e a artes”**. In: SOUZA, E. L. (org.); TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. *A invenção da vida: artes e Psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

KON, Noemi Moritz. **Freud e seu duplo**: reflexões entre a Psicanálise e a artes. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1996.

MARX, Burle. **MAM**: Jardim das Esculturas. São Paulo, 1993. Disponível em: < MAM.org.br/explore/jardim-de-esculturas >. Acesso em: 06 jul. 2016.

RIVERA, T. **Artes e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. Gesto analítico, ato criador - Duchamp com Lacan. In: *Pulsional*, **Revista de Psicanálise**. Ano 18, n. 184, p. 65-72, 2005.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação**, construção da obra de artes. 2 ed. Vinhedo (SP): Horizonte, 2008.

SOLER, Colette. Encales e desenlaces segundo a clínica psicanalítica. **Encontro Internacional da EPFCL**: 14 de julho: Encontro da IF Medelin – Colombia, 2016. Disponível em: < http://www.projeto Freudiano.com.br/publicacoes/preludios_ix_encontro_internacional >. Acesso em: 16 jul. 2016.

SOUZA, A. Quando atos se tornam formas. In: BARTUCCI, G. (org.). **Psicanálise, Artes e Estéticas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

VERAS, E. **Entre ver e enunciar**: o uso da entrevista em estudos sobre o fazer criador artístico. Dissertação (mestrado). Programa de pós-graduação em Artes Plásticas, Instituto de Artes. UFRGS. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10299/000588650.pdf;sequence=1>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

Fontes orais

CURIA, Antonio José Romano. Entrevistado por Eunice Corrêa Sanches Belloti, em 24 de junho de 2016.

GRANJA, Francisco Claudio. Entrevistado por Eunice Corrêa Sanches Belloti, em 09 de junho de 2016.

MENEGAZZO, Telma. Entrevistada por Eunice Corrêa Sanches Belloti, em 20 de junho de 2016.